



Situação da População Mundial 2016

Nota de Abertura	página 2
O rosto do Futuro	página 4
As histórias de Nilza Armando e Iris Jamal	página 9
A história de Carlota Francisco Eugénio	página 13
A história de Cátia Zefanias	página 19
Bibliografia	página 24



NOTA DE ABERTURA



“Para que uma rapariga de 10 anos realize o seu potencial precisamos agir agora”

A visão dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável é de um futuro melhor para todos e um compromisso de não deixar ninguém para trás. Não há outro grupo de população onde esta visão captura de forma tão perfeita a necessidade de ação, como o das raparigas de 10 anos.

Aos 10 anos, a jovem rapariga encontra-se num dos momentos mais críticos da sua vida. Enquanto em algumas partes do mundo, as raparigas podem olhar em frente, para um futuro brilhante, noutras partes, incluindo Moçambique, ainda são confrontadas com muitos obstáculos.

Desde tenra idade, a rapariga começa a sentir pressões da família, da comunidade e da sociedade. É confrontada por uma ampla variedade de problemas que estão além do seu poder de influência, ainda que estes definam o seu caminho para ser uma mulher.

Durante a última década, Moçambique registou um aumento significativo do número de raparigas e adolescentes na população. Estas raparigas representam uma oportunidade única, para transformar a sociedade. Contudo, há muitos desafios para atingir esse potencial.

Investir nas raparigas requer uma ação imediata. Se queremos atingir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável até 2030, temos que assegurar que as raparigas consigam ultrapassar barreiras para que acedam aos direitos básicos. E para isso, é crucial que se continue a combater uma série de práticas discriminatórias vividas pelas raparigas, e que lhes limita a capacidade para fazer escolhas na vida até à idade adulta. As raparigas necessitam de acesso a educação, cuidados de saúde sexual e reprodutiva e igualdade de oportunidades.

É possível vislumbrar um futuro diferente para milhões de raparigas em Moçambique. Elas têm um papel chave para o desenvolvimento do País e da sua comunidade, por isso é fundamental que as suas necessidades e direitos não sejam ignorados.

Para tirar o maior partido das futuras oportunidades, as raparigas têm que estar no centro das atenções. E necessário atuar imediatamente.

Bettina Maas

Representante do UNFPA Moçambique



A young girl with braided hair is looking out over a blue body of water. The image is partially obscured by a dark teal overlay that contains the title and text. At the top of the page, there is a horizontal bar with several colored squares: yellow, red, pink, light blue, teal, dark blue, blue, green, purple, and lime green.

O ROSTO DO FUTURO

“ **Ela tem 10 anos.** Continua a ser uma criança de rosto sereno, iluminada pela instintiva curiosidade em direção a idade adulta. Preparada para absorver rapidamente o conhecimento e a sabedoria dos que a rodeiam, está pronta para um dia se tornar numa Líder inspiradora, trabalhadora produtiva, inovadora, uma mãe cuidadosa, ou desempenhar qualquer papel que contribua para uma sociedade dinâmica e desenvolvida.”



Mas, será este futuro melhor ou pior?

Esta será uma caminhada marcada por muitos desafios. Durante o período de transição para a fase adulta, as raparigas atravessam um período de extrema vulnerabilidade, vivem mudanças físicas, psicológicas, emocionais e sociais, acrescidas das expectativas que a família e a sociedade têm para si.

Apesar dos riscos existirem para ambos sexos, rapazes e raparigas, a discriminação com base no género piora a realidade das raparigas em muitos sentidos. Têm acesso limitado a informação sobre saúde sexual, e são mais solicitadas nas responsabilidades domésticas, familiares e sociais, que incluem o casamento e a gravidez.

Moçambique tem feito vários esforços para reduzir a desigualdade de género, incluindo uma revisão da legislação, particularmente a relacionada com a Convenção para Eliminação de todas as formas de Discriminação contra a Mulher (*Convention on the Elimination of All Forms of Discrimination against Women - CEDAW*).

Apesar de existirem várias políticas, como a Política do Género, e respetiva estratégia de

implementação (2006); o Plano Nacional de Acção para o Avanço da Mulher (2010-2014); o Plano Nacional de Prevenção e Combate à Violência contra a Mulher; e mais recentemente a estratégia Nacional de prevenção do casamento prematuro (2015-2019), todas favoráveis à redução da desigualdade entre géneros, estas são dificilmente aplicadas e o impacto na vida das raparigas é reduzido (Population Council, 2016).

Consequentemente, milhões de raparigas não têm protecção para os seus direitos e bem-estar. Muitas tornam-se trabalhadoras domésticas, mulheres submissas, mães precoces, trabalhadoras traficadas de sexo e mais expostas a ser vítimas de abuso. Para muitas, a infância e a adolescência terminam com uma fraca educação, com saúde precária, e sem poder de decisão na sua própria vida ou nas suas comunidades.

É nesta fase das suas vidas, que as adolescentes correm o risco de ser consideradas como um “bem” pela sociedade, família e comunidade, sendo vistas como fonte de trabalho barato, de maternidade ou sexo. Se durante este período, os seus direitos fossem protegidos com leis apropriadas e efectivas, se houvesse um investimento adequado no seu desenvolvimento,

MILENA CINTURÃO

Milena Cinturão vive no bairro de Manhawa, na cidade de Quelimane, província da Zambézia, no centro de Moçambique. Tem 10 anos, e vive com a mãe e dois irmãos, o seu pai já faleceu.

A comunidade onde Milena vive é pobre mas, isso não abalou a sua determinação em ir a escola ou estudar em casa. Estudante da 5ª classe, Milena é uma entre milhões de crianças em Moçambique que vão à escola e trabalham, para melhorar a sua vida através da educação. A sua disciplina favorita é matemática, mas também está a aprender a ler e a escrever.

Milena gosta do ambiente que se vive na escola, onde já fez novos amigos. Apesar disto, Milena continua a ajudar a sua mãe nas tarefas domésticas, mas a mãe garante que tenha tempo para estudar. Milena gosta de fazer os trabalhos de casa junto dos seus amigos, para que possam trabalhar em conjunto.

Milena tem sonhos! E mesmo com 10 anos, tem uma visão muito clara do seu futuro. Ela gostava de trabalhar na área jurídica e ser uma adulta independente. Entende o quão importante é completar os estudos para alcançar estes objetivos e concretizar os seus sonhos.

apoiado por uma família e sociedades seguras, a probabilidade de florescerem e se tornarem adultas realizadas aumentaria exponencialmente.

Da visão à realidade

As raparigas representam uma parte demográfica importante no desenvolvimento global e nas mudanças sociais.

Existem 4.4 milhões de raparigas em Moçambique e os desafios que têm de encarar deverão ser superados, caso o país queira tirar partido do dividendo demográfico. Dados recentes, de 2015 indicam que 46 por cento das raparigas de 15-19 anos foram mães ou estavam grávidas pela primeira vez (IMASIDA, 2015); 48 por cento casou -se antes dos 18 anos (IDS, 2011); 24 por cento das mortes maternas ocorrem entre mulheres neste grupo etário, e apenas 18 por cento frequentam o ensino secundário.

Estes padrões representam uma oportunidade perdida. Sem uma acção imediata, estes factores poderão tornar-se numa ameaça, que irá minar

futuras oportunidades para as raparigas e as suas comunidades. As metas internacionais reconhecidas na Agenda de Desenvolvimento Sustentável 2030, não podem ser cumpridas sem um investimento significativo nas raparigas e os objetivos estabelecidos em Setembro de 2015, por 193 países nas Nações Unidas, incluindo Moçambique, não serão atingidos.

Pela primeira vez na história, através da agenda 2030, há um compromisso global de “não deixar ninguém para trás” na busca do desenvolvimento. Isto reforça a ideia de que nenhuma rapariga esteja fora do desenvolvimento, abandonada à pobreza ou ignorada. Assim sendo, os 4,4 milhões de raparigas em Moçambique estão no centro da agenda 2030, uma vez que fazem parte do grupo mais vulnerável.

De forma a dar voz às raparigas, este suplemento conta as histórias de vida de raparigas e jovens mulheres moçambicanas. As narrativas destacam os desafios que as raparigas de 10 anos enfrentarão, à medida que vão crescendo, através das histórias de raparigas que enfrentaram e superaram os mesmos desafios, tornando-se exemplos nas suas comunidades.







AS HISTÓRIAS DE

NILZA ARMANDO E IRIS JAMAL

“Quero fazer parte da mudança de comportamento da minha comunidade, quebrar o silêncio quanto às práticas prejudiciais que ocorrem diariamente com as raparigas”, sublinha Nilza Armando, mentora de 19 anos de idade. Nilza concilia muito bem o papel de estudante, radialista e mentora do Programa Rapariga Biz.

Nilza Armando trabalha como jornalista de rádio, e produz um programa radiofónico. No seu programa de rádio, pretende criar um espaço onde as raparigas se possam expressar e discutir os assuntos mais importantes, que afectam as suas vidas, permitindo deste modo uma maior partilha, interação e aprendizagem.

Permitirá também que mais raparigas e rapazes tomem consciência do seu papel de cidadãos, e dos seus direitos. Que um maior número de mães, pais e familiares sejam informados, e levados a pensar e repensar o seu papel na vida dos jovens e adolescentes, e que consigam ser catalisadores da mudança, encorajando o empoderamento dos jovens, especialmente das raparigas.

No cerne dos programas do UNFPA, o Programa Rapariga Biz destaca as províncias de Nampula e Zambézia para o desenvolvimento das competências das raparigas vulneráveis.

A abordagem fortalece a capacidade das adolescentes e jovens mulheres, promovendo e reforçando a sua participação na liderança, e em posições de negociação de maior acesso à informação sobre saúde sexual e reprodutiva.

As mentoras foram criteriosamente seleccionadas e treinadas para liderar grupos de raparigas em sessões sobre tarefas da vida quotidiana, saúde sexual e reprodutiva, direitos humanos e outros problemas. As jovens mentoras vivem nas comunidades onde atuam, o que faz delas modelos e conselheiras para as raparigas adolescentes mais vulneráveis.

Por ano, cada mentora trabalha com 60 raparigas, divididas em grupos de 30 por semestre, num espaço seguro, e que garanta um ambiente propício a verdadeiras discussões.

Defendendo os direitos das raparigas adolescentes

Para uma rapariga de 13 anos, Iris tem um talento especial para a comunicação.

“Quero demonstrar às raparigas mais vulneráveis da minha comunidade que existe uma opção diferente”, disse Iris Jamal, membro do Parlamento Infantil de Moçambique. Ela pretende ser uma mentora para outras raparigas, comunicando a sua mensagem de empoderamento através da rádio.

Iris foi inspirada pela sua tia para ser jornalista de rádio, e espera ser uma fonte de inspiração para outras raparigas adolescentes da sua comunidade, para que desta forma possam perseguir os seus sonhos.

Actualmente, Iris vive com os pais, que apoiam a sua educação. “Raparigas adolescentes podem ir a escola, seguir os seus sonhos, praticar desporto, dançar ou tocar algum instrumento (...)", disse Iris "ao invés de casar muito jovem e ser mãe muito cedo”.

As raparigas precisam ter acesso a informação de qualidade, incentivos e competências para mudar a sua vida. O apoio, para aumentar a sua participação, para a criação de espaços e oportunidades, e promoção da mudança de comportamento em relação a Saúde Sexual e Reprodutiva são essenciais.

Como parte do Parlamento Infantil, Iris aprendeu que tem o direito de manifestar as suas ideias e opiniões, de exigir os seus direitos e participar na vida pública.

Aprendeu, que ser um bom cidadão implica contribuir para a sociedade e ter uma serie de obrigações civis. Para além do apoio do parlamento, Iris tem apoio da família, e revela que a sua família e amigos estão entusiasmados em aprender mais acerca da experiência e conhecimento que adquiriu no parlamento infantil.

O poder da Informação e acesso a serviços

Em algumas partes do país, as meninas são consideradas prontas para o casamento ao entrar na puberdade e adolescência. Nesta fase de crescimento,

O programa Rapariga Biz trabalha em muitos níveis diferentes e foi projetado para combater todos os níveis de discriminação contra as raparigas, que continuam a ser as mais vulneráveis a práticas prejudiciais.

Isto implica algumas práticas culturais e tradicionais, como casamento de menores, a violência contra as mulheres e raparigas, pobreza, e falta de oportunidades económicas.

O programa envolve as comunidades na sensibilização da importância em manter as raparigas na escola e assegurar o regresso das que foram forçadas a deixar as salas de aula.

Ao promover o diálogo entre pais, encarregados de educação, parceiros, homens, rapazes e outros elementos com influência, as comunidades reconhecem a importância da educação, saúde e direitos sexuais e reprodutivos.

Os fóruns ao nível local, provincial e nacional constituem plataformas de apoio para que ultrapassem os problemas com impacto na sua vida.



o conhecimento do seu corpo, e a educação sexual são uma fonte de informação fundamental para milhões de raparigas.

Está comprovado que a formação sexual tem efeitos positivos na saúde, nomeadamente, na redução de doenças sexualmente transmissíveis e gravidezes indesejadas (UNESCO, 2015). Também provoca mudança de atitudes e aumenta a auto estima das raparigas e jovens mulheres,

É imperativo que sejam criadas políticas e programas de apoio a jovens e adolescentes em transição para a fase adulta. A qualidade de educação, informação, acesso a serviços de saúde sexual e reprodutiva, e formas de prevenção da violência com base no género, terão um papel chave na melhoria do futuro deste grupo.

Investir agora é uma opção inteligente, não apenas porque aumenta as hipóteses das raparigas atingirem o seu potencial, mas também porque tal investimento

eliminará problemas futuros na idade adulta, como a pobreza, a exclusão, doenças e baixa produtividade.

Raparigas saudáveis crescem e tornam-se mulheres saudáveis e mais produtivas. Estas raparigas frequentam a escola e assimilam o conhecimento que as transforma em mães saudáveis, com filhos saudáveis, que contribuem para a criação de famílias, comunidades e nações mais prósperas.

"Rapariga Biz"

O programa "Rapariga Biz" é implementado em Moçambique pelo Governo, sociedade civil, Nações Unidas, com o apoio da Suécia. Este investimento apoia cerca de 1,1 milhões de raparigas e jovens de 10-24 anos nas províncias de Nampula e Zambézia.

Com um investimento de 14,5 milhões de dólares, contribui para o aumento do acesso a



serviços de saúde sexual e reprodutiva de qualidade, e amigos dos jovens. Aumenta a capacidade de tomada de decisão e participação, melhora as condições sociais e aumenta as oportunidades económicas das raparigas. São intervenções estratégicas como estas que promovem a participação juvenil, e fomentam as competências para a vida de raparigas como Nilza.

As mentoras do programa têm entre 15 e 24 anos, e apoiam outras raparigas da sua comunidade através de sessões semanais de competências para a vida, saúde, direitos humanos e outros tópicos. Actuam como conselheiras e elementos de referência, enquadradas num programa mais abrangente denominado “Geração BiZ”. Manter a matrícula na escola é um tema chave abordado nestas sessões.

Pesquisas mostram que as raparigas que têm acesso a formação sobre competências para a vida, formação vocacional, e referências femininas a nível comunitário e/ou referências de familiares com carreiras profissionais, sentem maior incentivo a permanecer na escola (Beaman et al, 2012; Jensen, 2011).

Estudos recentes mostram que dar incentivos ou condições de mobilidade como bicicletas, tem maior efeito na frequência no ensino secundário para as raparigas do que para os rapazes (Muralidharan and Prakash, 2013).

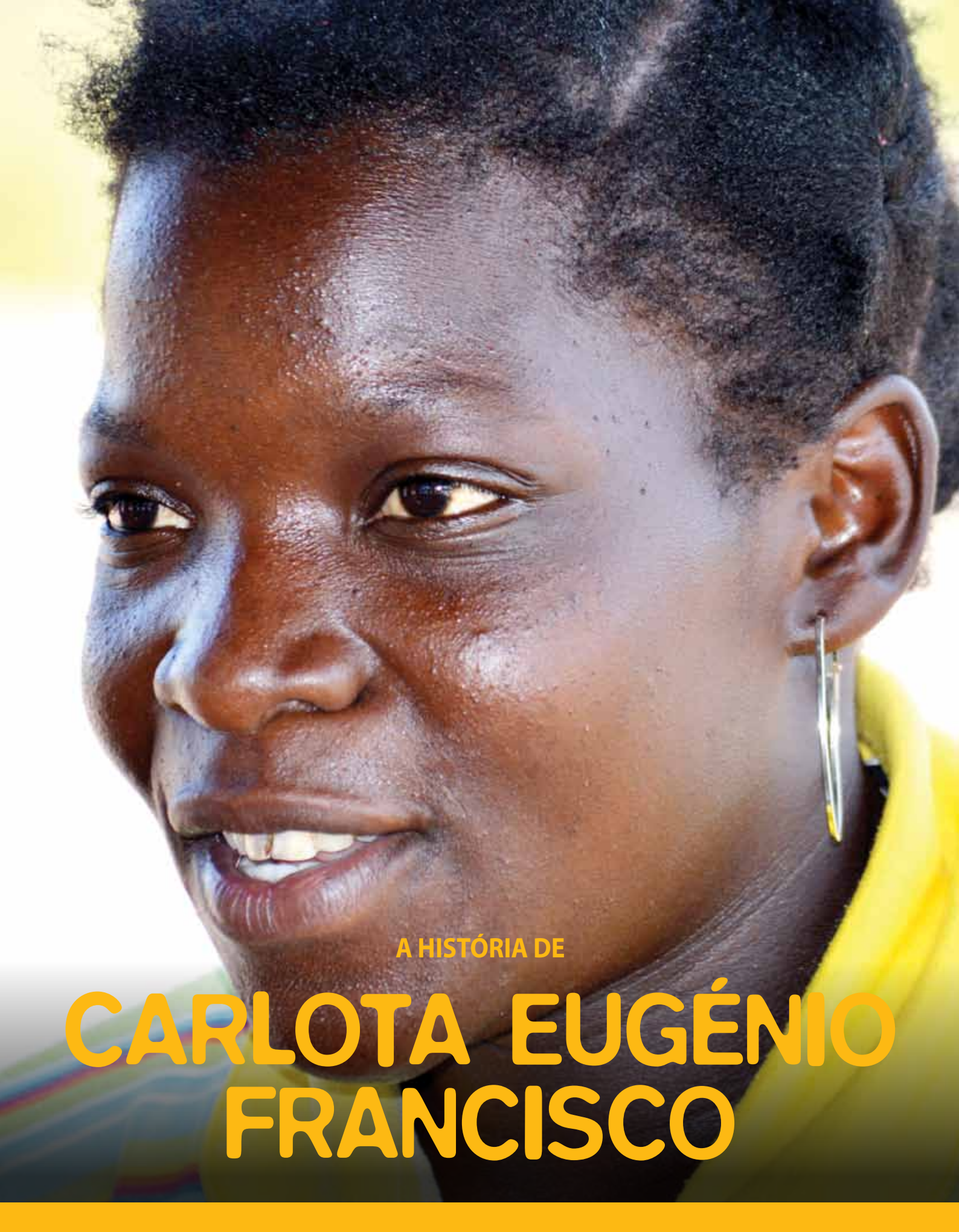
Investir na Juventude

Países que adotam políticas e instituições focadas em melhorar o capital humano dos jovens, através da educação, acesso a informação e serviços de saúde, tendem a beneficiar de ganhos económicos significativos.

No caso de Moçambique, com a sua elevada população jovem, estes investimentos são parte das condições necessárias para o país poder beneficiar de um dividendo demográfico, que não só terá impacto nas raparigas, mas também num desenvolvimento equitativo e sustentável do país como um todo.

Não fazer nada ou fazer muito pouco para remover as barreiras que impedem a realização do pleno potencial das raparigas, significa a perda de oportunidades significativas, e abrandamento do desenvolvimento.

Nos próximos 15 anos, os países em desenvolvimento podem ganhar, em conjunto, pelo menos 21 mil milhões de dólares, dependendo do investimento que fizerem hoje no bem-estar das raparigas e rapazes. Este valor parece insignificante se considerarmos o número de países. Contudo, a nível individual, os ganhos podem ser substanciais contribuindo assim para “um mundo onde não queremos deixar ninguém para trás.”



A HISTÓRIA DE

CARLOTA EUGÉNIO FRANCISCO

Em apenas um ano, a vida da Carlota Eugénio Francisco, de 21 anos de idade, mudou completamente. No início do ano tinha uma vida isolada da sua comunidade no distrito de Namarroi, província da Zambézia, era estigmatizada por sofrer os efeitos da fístula obstétrica.

Hoje, com o tratamento, ela recuperou a sua autoconfiança e a sua vida. “Quero voltar a continuar os meus estudos para ser enfermeira no futuro e salvar a vida de jovens grávidas na minha comunidade”, disse Carlota.

Apesar da fístula obstétrica ser quase completamente evitável continua a acontecer, maioritariamente, entre mulheres marginalizadas e vulneráveis. De acordo com dados de 2015, Moçambique tem anualmente cerca de 2300 novos casos de fístula obstétrica.

O facto de em média, uma em cada duas raparigas se casar antes dos 18 anos, e 46 por cento de raparigas entre os 15 e 19 anos estar grávidas ou serem mães, continua a contribuir para a ocorrência da fístula obstétrica. Os resultados desta complicação são devastadores em raparigas e mulheres, que perdem urina e fezes de forma involuntária, e que podem enfrentar outros problemas físicos, como infeções frequentes.

Estas mulheres e raparigas podem ser rejeitadas pela família e comunidade, incapacitadas para trabalhar ou ir a escola, e condenadas à pobreza extrema. Em alguns casos são abandonadas pela família.

A falta de consciência e ausência de poder na defesa dos direitos sexuais e reprodutivos das raparigas, reflete-se não só pelo elevado nível de gravidezes na adolescência.

Nas jovens adolescentes têm-se vindo a testemunhar períodos curtos entre gravidezes, e esta tendência associada com altas taxas de fístula obstétrica resultam num elevado rácio de mortalidade materna entre as raparigas com 450 mortes maternas por cada 1000 nascimentos vivos.

Como criança, Carlota costumava sair de casa às 5 horas da manhã para ir à escola que ficava a duas horas de sua casa. Tinha que percorrer um longo e assustador caminho.

Cerca de 22 por cento das raparigas são vítimas de violência física e sexual, 9 por cento das quais com idades entre 15 e 19 anos. A violência no caminho da escola e na própria escola são a maior barreira à educação das raparigas em Moçambique.

CAMPANHA GLOBAL DO UNFPA PARA O

A Campanha Global para a eliminação da fístula obstétrica propõe três intervenções fundamentais: 1) prevenção através do acesso aos cuidados obstétricos de qualidade 2) tratamento através de cirurgia corretiva 3) reintegração social para dotar a doente em recuperação de habilidades de geração de rendimento, de forma prepará-las para o retorno à comunidade.

Nos mais de 40 países que implementam a campanha de combate a fístula obstétrica, há muitos desafios, que incluem a insuficiência de recursos humanos e financeiros, capacidade técnica, expansão e qualidade de serviços, recolha de dados, reintegração social e advocacia.

A RAIZ DO PROBLEMA

É preciso eliminar as causas das desigualdades sociais, económicas e de género, prevenindo casamentos e maternidade precoces. É crucial promover a educação, especialmente das raparigas, e investir no planeamento familiar.

Em países em desenvolvimento, complicações na gravidez e parto, incluindo fístula obstétrica (FO), são a

“Eu gostava da escola e não queria dar ouvidos às opiniões dos meus vizinhos e comunidade”, disse a Carlota. Apesar das suas expectativas a escola mostrou uma realidade muito diferente. Foi pedida em casamento pelo seu professor, e com o consentimento das famílias de ambos, casaram.

Carlota ficou grávida com apenas 16 anos. Ela teve que abandonar a escola e cedo deu à luz uma menina, no hospital mais próximo, situado a duas

horas de sua casa. Após o parto foi abandonada pelo marido.

Uma lesão traumática

Carlota voltou para casa dos seus pais com a filha Rosa. Alguns anos depois, ficou novamente grávida, mas desta vez não tinha ninguém para a levar ao hospital. Quando iniciou o trabalho de parto

FIM DA FÍSTULA OBSTÉTRICA



principal causa de morte de raparigas e jovens mulheres entre os 15 aos e 19 anos.

Em áreas com elevada mortalidade materna, a fistula obstétrica, pode ocorrer entre dois a três casos por 1,000 gravidezes. Em Moçambique, com aproximadamente 2,300 casos anuais, (2015) o Ministério da Saúde lançou a Estratégia Nacional para Prevenção e Tratamento da Fistula Obstétrica, com quatro pilares, na área da advocacia, prevenção, tratamento e reintegração social.

FORMA DE ATUAÇÃO

A implementação efetiva da estratégia exige a colaboração de diferentes atores. O UNFPA é o maior parceiro financeiro e técnico, especialmente no incremento da capacidade nacional, nos quatro pilares da estratégia, concentrados nas províncias de Nampula, Zambézia, Cabo Delgado e Sofala.

A abordagem do UNFPA, baseada nos direitos humanos, tem como objetivo assegurar o bem-estar das raparigas, o aumento da autoestima e a redução da pobreza, tendo em conta os aspetos físicos, psicológicos e individuais, através da prevenção, tratamento de rotina, seguimento pós tratamento e reintegração social.

percebeu que havia alguma coisa errada. A sua mãe não conseguiu arranjar transporte de emergência. “Não pude ajudar a minha filha” disse a mãe. “Fiquei desesperada”, conta a mãe.

Carlota sobreviveu, mas o seu filho não, e o trabalho prolongado de parto deixou-a com uma fístula obstétrica. A complicação provocou dores crónicas e dificuldades de locomoção.

De regresso a sua comunidade, sofreu discriminação e foi ridicularizada. Foi ostracizada pelos membros da igreja onde era membro ativa, e onde fazia parte do coral. Os médicos tradicionais tentaram “curar” a sua doença, mas sem sucesso. No entanto, Carlota nunca perdeu a esperança e estava determinada a encontrar tratamento.

Em 2015, Carlota soube através da rádio, da existência de um programa de tratamento de fístula, no hospital distrital de Gurué. Depois de frequentar o programa, foi tratada cirurgicamente com sucesso, e pode regressar a casa com a confiança restaurada.

Hoje, Carlota retomou as suas atividades normais, recuperou o seu lugar no coral da igreja, e planeia voltar à escola para poder realizar o sonho de ser enfermeira. Ela está ciente de todos os desafios

para concretizar o seu sonho, mas a vontade supera todos os obstáculos. “As enfermeiras e médicos que cuidaram de mim durante o tratamento cirúrgico inspiraram-me mais”, disse Carlota.

Carlota já começou a contribuir para a melhoria da saúde das mulheres da sua comunidade. Trabalha como ativista comunitária na promoção do planeamento familiar e maternidade segura, numa ONG local, parceira do UNFPA.

Saúde sexual e reprodutiva: mudando realidades através de acções

A puberdade é o período da adolescência em que ocorrem mudanças biológicas e fisiológicas. É neste período que o corpo se desenvolve fisicamente e fica preparado para a procriação. A adolescência marca o início de um caminho inseguro para raparigas, com risco de casamento e maternidade precoces, principalmente nas áreas rurais, onde a informação é escassa, e a taxa de fecundidade consideravelmente mais alta que nas zonas urbanas.

Os casamentos precoces são “arranjados” por familiares mais velhos e as jovens têm pouca ou nenhuma escolha sobre o assunto, como mostra

Quadro 1- Taxa de fecundidade geral e das adolescentes. Moçambique, 2003-2015

	TOTAL		URBANO		RURAL	
	Taxa de Fecundidade Geral**	Taxa de Fecundidade das adolescentes***	Taxa de Fecundidade Geral**	Taxa de Fecundidade das adolescentes***	Taxa de Fecundidade Geral**	Taxa de Fecundidade das adolescentes***
2003 (IDS)	5.5	179	4.4	143	6.1	207
2011 (IDS)	5.9	167	4.5	141	6.6	183
2015 (IMASIDA)	5.3	194	3.6	134	6.1	230

**número médio de filhos por mulher.

***número de filhos em cada 1000 mulheres entre os 15 e 19 anos



o caso da Carlota. A expectativa é que elas sejam procriadoras o mais rápido possível, colocando sua vida em risco.

Os riscos começaram a ser amplamente reconhecidos, e apesar das taxas de fecundidade permanecerem altas, como demonstrado no quadro 1, há sinais positivos. O trabalho de apoio ao fim destas práticas prejudiciais, a promoção do acesso a informação sexual e saúde reprodutiva começam a gerar frutos.

O investimento nestes programas tem o potencial de preparar jovens adolescentes para a vida adulta, e como no caso da Carlota, fornecer ferramentas para uma mudança de vida.

Garantir a educação sexual de fácil compreensão nas escolas, e o acesso universal a serviços de saúde, incluindo os de planeamento familiar, são condições essenciais para a redução da mortalidade materno infantil, ocorrência de fístula obstétrica e outros problemas de saúde.

Não se trata apenas de um problema de desenvolvimento, mas também com profundas consequências para os direitos humanos. A história da Carlota chama atenção para o potencial efeito preventivo que o acesso a estes serviços têm para a mobilidade social, e para a saúde da mulher, especialmente para adolescentes e jovens mulheres.

Nos países em desenvolvimento, a gravidez na adolescência é a principal causa de morte nas raparigas, que junto com o risco de violência, infeção por HIV, abandono escolar e fístula obstétrica são o maior obstáculo à participação de jovens mulheres na vida pública.

Dados apontam que em Moçambique, 24 por cento das mortes maternas ocorrem entre os 15 e 19 anos. Esta realidade sublinha uma necessidade urgente em disponibilizar informação precisa às raparigas, sobre planeamento familiar.

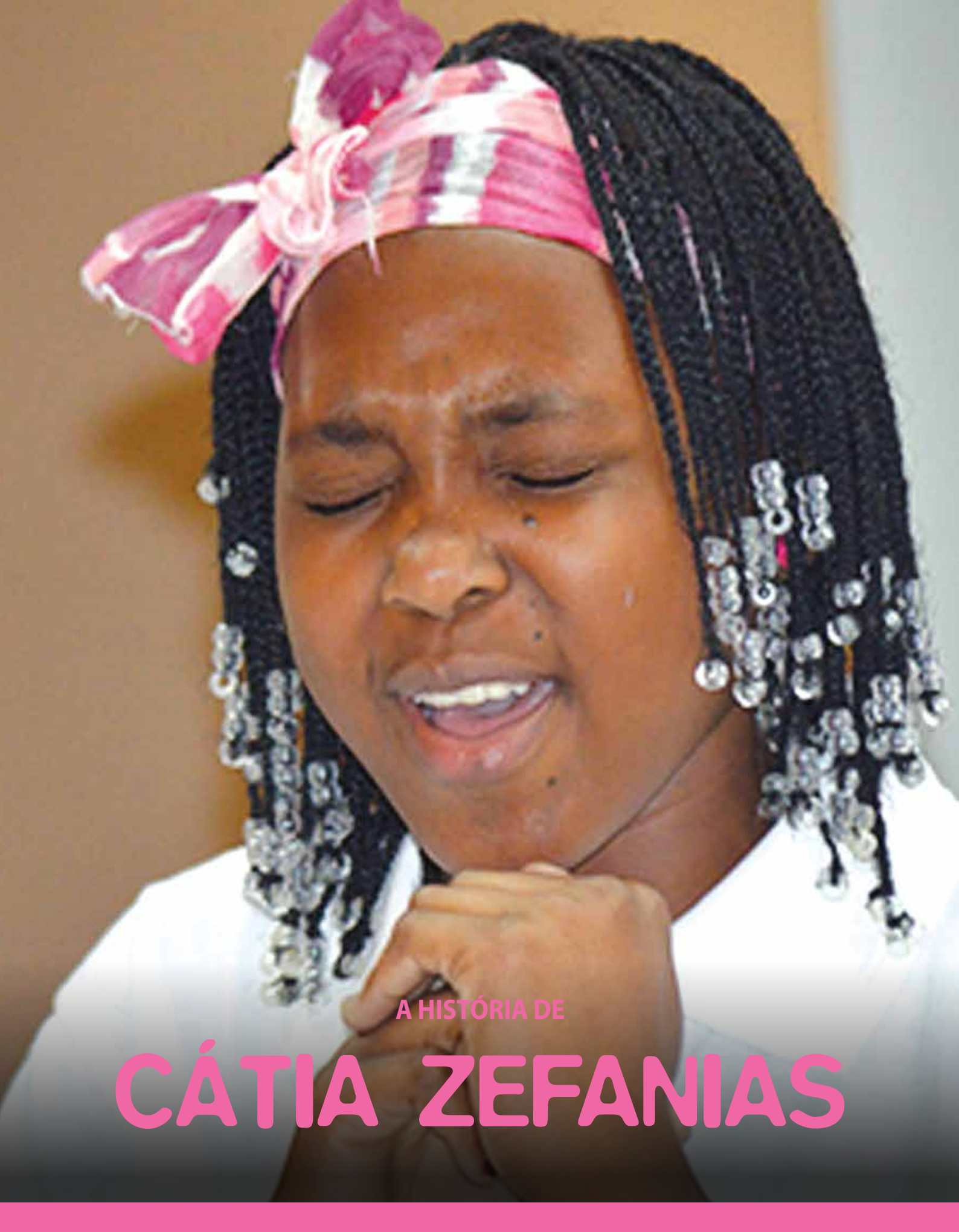
Planeamento familiar traz benefícios

A prevenção, mais do que o tratamento é a estratégia acertada. Os resultados da análise de custo benefício do planeamento familiar em Moçambique mostram que a expansão de serviços de planeamento familiar traz benefícios económicos e sociais.

Por exemplo, o aumento do uso de contraceptivos passou dos 11 por cento em 2011 para 34 por cento até 2020, o que reduziria a mortalidade materna em 20 por cento. Além disso, permitiria ao país prevenir a ocorrência de 16.600 casos de mortes neonatais, reduziria as gravidezes indesejadas em 40 por cento, e os casos de fístula obstétrica em 24 por cento até 2020.

O estudo também conclui, que com a expansão do planeamento familiar se podem poupar 24 milhões de USD em tratamentos. Por cada 1 USD investido no planeamento familiar, o estado poupa 1,7 milhões de USD. Os resultados preliminares do programa de apoio ao combate da fístula obstétrica na província da Zambézia, mostra que a formação dos técnicos de saúde levou ao tratamento de 34 por cento dos casos de fístula obstétrica.

A formação dos profissionais de saúde nesta província representa um ótimo retorno do investimento feito, pois contribui para melhorar o acesso e a qualidade aos cuidados de saúde.



A HISTÓRIA DE

CÁTIA ZEFANIAS

“As pessoas dizem sempre que não vais conseguir porque isso é trabalho de homens”, afirmou Cátia Zefanias Uamusse, de 17 anos e que sonha ser operadora de câmara.

Cátia ficou órfã aos seis anos, e desde então passou a viver com a tia, a quem prefere chamar de mãe, porque é o que representa desde a morte da sua mãe biológica. Desde cedo, Cátia testemunhou as dificuldades que a tia e a avó enfrentaram para a criar a ela, e uma extensa família. Ela usa estes desafios como a sua fonte de inspiração.

“As dificuldades que a minha tia e minha avó tiveram e estão a ter para me criar e educar motivam-me todos os dias, para lutar pelos meus sonhos. Quero mudar a situação da minha família”, disse Cátia

Da música à poesia

Cátia define-se como uma rapariga simples e simpática, com ideais firmes, mas aberta para novas aprendizagens. Gosta de ajudar os que precisam. Ela frequenta a 12ª classe na Escola Secundária Noroeste 1, nos arredores da cidade de Maputo. Quando não está ocupada com atividades escolares, Cátia gosta de cantar e declamar poesia.

Ela usa a música e poesia para defender os seus direitos e das outras raparigas na sua comunidade. “Através da poesia consigo penetrar na alma das outras raparigas, ensiná-las que devemos ser nós a decidir a nossa vida e nosso futuro”, afirmou Cátia.

Cátia participa algumas vezes em palestras e sessões de educação sobre saúde sexual e reprodutiva, tanto na escola como na sua comunidade, por isso está bem ciente desta realidade.

“Converso sempre com as minhas amigas e colegas da escola sobre os riscos que nós as raparigas corremos. Acredito que é possível ser diferente e ter uma sociedade onde as raparigas fazem escolhas sobre as suas próprias vidas”, acrescentou Cátia.

De operadora de câmara a advogada

Cantar e declamar poesia não são as únicas paixões da Cátia. Ela quer ser operadora de câmara (*camera woman*) e advogada. Cátia sabe que operar uma câmara é tido como trabalho de homens, mas nem por isso se sente desanimada.

Ela pretende quebrar essas barreiras, o preconceito e estereótipo, e inspirar outras raparigas, mostrando que devem seguir os seus sonhos, independentemente dos preconceitos de uma sociedade dominada pelo homem, como é o caso da sociedade moçambicana.

Cátia esta consciente das injustiças praticadas contra as raparigas da sua idade em Moçambique. Por esta razão, ela quer também estudar direito na universidade para que possa defender os direitos das outras raparigas, ter estabilidade financeira e ajudar a sua família.

Apesar de todas os desafios sociais e familiares, Cátia conta com o apoio incondicional da família, em particular da tia e da avó. “A minha avó fica muito feliz quando partilho os meus sonhos com ela, dá-me sempre muita força para continuar firme nos meus estudos.”

Educação: o melhor investimento para uma rapariga

A educação não é apenas um direito humano, é também a ferramenta mais efetiva para a redução da pobreza e criação de uma sociedade saudável, rica e produtiva.

Educar as raparigas tem sido descrito como o “melhor investimento do mundo” porque aumenta as oportunidades económicas das mulheres e raparigas, aumenta a produtividade das nações, o crescimento económico, e melhora a saúde das mães e crianças (Sperling e Winthrop, 2016). Estas constatações justificam a necessidade do investimento familiar e público na educação das raparigas, no

acesso a informação e oportunidades de geração de rendimento.

Estudos identificaram uma relação direta entre a frequência do secundário com salários elevados, famílias pequenas e sustentáveis, e redução das desigualdades e pobreza (Sperling e Winthrop, 2016). O retorno em salários ao longo da vida podem atingir cerca de 10 por cento por cada ano de escolaridade, chegando a 12% por cento para as mulheres e 10% para os homens.

Ao nível global a priorização do acesso das raparigas à educação primária foi um sucesso, mas os desafios para o acesso ao ensino secundário persistem. As taxas de abandono escolar no

secundário persistem, e são resultado de complexos fatores económicos e sociais. As jovens raparigas são as mais expostas a esta pressão, o que limita o seu direito à educação e afeta profundamente as suas oportunidades de vida

A educação salva vidas

O investimento na educação de qualidade das raparigas, por parte do estado e da família, é a escolha certa, especialmente no que diz respeito ao ensino secundário e superior. Se considerarmos a educação de qualidade numa perspetiva mais abrangente, verificamos que ela instrui a rapariga com conhecimentos importantes e competências para a





vida, aumentando desta forma, os seus horizontes e perspectivas de vida.

É crucial fornecer às raparigas o conhecimento necessário para que possam fazer escolhas informadas em relação ao seu futuro. Isto inclui maior consciência e capacidade para assegurar segurança física e económica a longo prazo, assim como conhecimento do seu corpo e da sua saúde. (Sperling and Winthrop, 2016).

Encorajar a criação de grupos com interesses comuns e encorajar a liberdade, especialmente a de expressão. Confrontados com esta visão, com os novos papéis, as raparigas, rapazes e a comunidade podem desenvolver as suas competências, fortalecendo as suas contribuições para a sociedade, e fazendo-os repensar no que podem ou não fazer.

Um estudo recente realizado pelo Ministério de Economia e Finanças considera a educação um dos

pilares estratégicos para que o país possa beneficiar do Dividendo demográfico.

O dividendo demográfico

O Dividendo Demográfico é um benefício económico resultante de um aumento significativo da população em idade ativa, comparado com a população dependente, caso essa mudança seja complementada com investimentos na educação, capacidade de construção e criação de cuidados de saúde e de emprego. Quando as taxas de fecundidade e mortalidade diminuem significativamente, a estrutura etária muda.

Este fator pode provocar mudanças de uma situação em que os jovens são dependentes, para uma em que se tornam ativos, e adultos social e economicamente produtivos. Esta mudança pode acelerar o crescimento económico através de

aumentos de produtividade, se a economia gerar mais empregos de qualidade.

No que toca à educação e desenvolvimento do capital humano, este estudo recomenda uma alteração do paradigma, que se foca na universalização da educação secundária, e no aumento da frequência do ensino superior. O estudo chama a atenção para a necessidade de reduzir a desigualdade de género no acesso a educação, especialmente nos níveis secundário e superior.

A população jovem constitui uma potencial oportunidade para o país beneficiar do crescimento económico. Para tal, é necessário que as raparigas e rapazes estejam devidamente qualificados, informados, saudáveis e economicamente envolvidos. O Produto Interno Bruto (PIB) poderá atingir 2.957 USD em 2035, se estas medidas forem adaptadas com foco no investimento em capital humano para as raparigas e rapazes.

Sonhar e Agir: transformando o mundo para todas as raparigas

As histórias deste relatório mostram alguns dos desafios enfrentados pelas raparigas em Moçambique. Nilza, Iris, Carlota e Cátia cada uma delas trabalhando para transformar as suas vidas e a sua comunidade.

“Até 2030, o mundo poderá ser um lugar diferente para as raparigas de 10 anos. Se os objetivos das Nações Unidas para a inclusão, e desenvolvimento sustentável forem alcançados, dentro de 15 anos, todas as raparigas de 10 anos terão as mesmas oportunidades para ser saudáveis, estar em segurança, e frequentar a escola.

Até 2030 podemos mudar o mundo destas raparigas. Uma grande percentagem destas meninas poderão não estar grávidas ou casadas na adolescência, e não serão forçadas a abandonar a escola.

Se os objetivos globais para a inclusão, igualdade e desenvolvimento sustentável forem atingidos em

15 anos, e a visão da Estratégia Nacional para o desenvolvimento (2015-2035) for implementada, os seus direitos serão completamente protegidos e serão livres para fazer escolhas acerca do tipo de vida que querem.

O desenvolvimento baseado em direitos encoraja as adolescentes e jovens a estar mais envolvidas em alterar a sociedade, remoção de práticas nocivas nas suas comunidades e meio ambiente, enquanto celebram aspetos positivos que enriquecem as suas vidas.

O acesso à informação que aumenta a consciência dos seus direitos, educação e serviços de saúde sexual e reprodutivos, a que estas jovens têm acesso, terão um impacto fundamental sobre as suas vidas. São encorajadas a buscar alternativas para a sua vida, a desafiar os estereótipos de género, a serem referências para outras jovens nesta passagem para a vida adulta.

Programas de desenvolvimento deveriam continuar a apoiar jovens adolescentes. As raparigas precisam de competências para a vida para ultrapassar obstáculos e mudar práticas prejudiciais como o casamento prematuro.

Isto requer boas oportunidades na educação de qualidade, aumento do acesso a ferramentas, como informação de maior qualidade, iniciativas para prevenção da violência contra as mulheres, e um acesso alargado aos serviços de saúde sexual e reprodutiva. Estes programas permitirão o diálogo entre gerações, entre rapazes e raparigas, e ajudarão a que os direitos humanos e a igualdade de género sejam uma realidade em Moçambique.

O mundo que necessitamos, que imaginamos, só será possível se houver um aumento no investimento nas raparigas adolescentes. O governo, as Nações Unidas, parceiros de cooperação e sociedade civil estão a investir nestas áreas. No entanto, para alcançar os novos objetivos precisamos expandir e redobrar esforços para assegurar que nenhuma rapariga é excluída ou ignorada.

Bibliografia

- Beaman, L., Dufló, E., Pande, R., and Topalova, P. 2012. Female Leadership Raises Aspirations and Educational Attainment in Girls: A Policy Experiment in India. *Science* 225: 582-586.
- Bloom, D.E. and Luca, D.L. 2015. *Do Moms Matter More? The Relative Returns to Maternal Health*. Working Paper. Website: www.sole-jole.org/16492.pdf. Accessed 15 October 2016.
- Bloom, D.E., Kuhn, M., and Prettnner, K. 2015. *The Contribution of Female Health to Economic Development*. Vienna: Vienna University of Technology.
- Government of Mozambique. 2005. *Gender Policy and its Implementation Strategy*. 2006. Maputo.
- Government of Mozambique. 2009. *National Plan of Action for the Advancement of Women (2010-2014)*. Maputo.
- Government of Mozambique. 2009. *National Plan for Prevention and Combating Violence Against Women*. Maputo.
- Government of Mozambique. 2015. *National Early Marriage Prevention Strategy (2016-2019)*.
- Government of Mozambique. 2015. *National Strategy for Development, 2015-2035*. Maputo
- Instituto Nacional de Estatística. 2015. *Relatório Final do Inquérito ao Orçamento Familiar- IOF 2014/15*. Maputo.
- Jensen, R. 2011. Do Labor Market Opportunities Affect Young Women's Work and Family Decisions? Experimental Evidence from India. *The Quarterly Journal of Economics* 127(2): 753-792.
- Ministério da Saude (MISAU), Instituto Nacional de Estatística (INE) e ICF International (ICFI). *Moçambique, Inquérito Demográfico e de Saúde - IDS 2011*. Calverton, Maryland, USA: MISAU, INE e ICFI.
- Ministério da Saúde (MISAU), Instituto Nacional de Estatística (INE), ICF International. 2015. *Inquérito de Indicadores de Imunização, Malária e HIV/SIDA em Moçambique – IMASIDA, 2015*. Maputo, Moçambique. Rockville, Maryland, EUA: INS, INE e ICF International.
- Muralidharan, K. and Prakash, N. 2013. *Cycling to School. Increasing Secondary School Enrollment for Girls in India*. NBER Working Paper No.19305. Issued August 2013.
- Onarheim, K. H., Iversen, J. H., and Bloom, D. E. 2016. "Economic Benefits of Investing in Women's Health: A Systematic Review." *PLoS ONE* 11: e0150120.
- Population Council. 2016. *Delaying Child Marriage through Community-Based Skills Development Programs for Girls: Results from a Randomized Controlled Study in Rural Bangladesh*. New York: The Population Council. Website: www.popcouncil.org/uploads/pdfs/2016PGY_BALIKA_EndlineRerwwport.pdf, accessed 15 June 2016.
- Sperling, G. B. and Winthrop, R. 2016. *What Works in Girls' Education: Evidence for the World's Best Investment*. Washington, D.C.: Brookings Institution Press.
- United Nations. *Convention on the Elimination of All Forms of Discrimination Against Women (CEDAW)*. 1979.
- UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization). 2015. *Education for All 2000-2015: Achievements and Challenges—Education for All Global Monitoring Report 2015*. Paris: UNESCO.
- UNFPA (United Nations Population Fund). 2014. *Costs and Benefits Analysis in Expanding the Contraceptive Prevalence Rate in Mozambique*. Maputo.